

O carnaval não é a única coisa admirável que temos produzido no Brasil, mas é, sem dúvida, a grande síntese da cultura brasileira.

Há doze anos atrás, em dois pequenos ensaios, procurei mostrar, tomando o Barroco como referência, que se pode analisar o carnaval segundo categorias estéticas eruditas, as mesmas que os europeus empregam para estudar as várias épocas da história da arte. O carnaval brasileiro é a prova mais cabal da persistência do Barroco nos tempos modernos. E é, também, a recriação de um estilo pelo gênio de um povo. Citando Ballet, Tapie, Weisbach, Hauser, Wolfflin, Cali, Charpentrat, Ortega y Gasset, d'Ors e Allewyn, procurei mostrar que cada uma das teorias genéticas ou formais do Barroco é reelaborada no grande laboratório criativo que é o carnaval brasileiro, tendo em vista as exigências que se põem, a cada ano, pela crescente organização dessa festa popular e pela influência considerável da televisão na própria estrutura do desfile. De fato, o desfile não termina na Praça da Apoteose, pois que desemboca diretamente em nossa casa, via televisão e se eterniza em imagens no vídeo.

À época daqueles artigos (1978) fiz uma distinção entre o que chamei de escolas visuais que eram, então, a novíssima Beija-Flor, Salgueiro, Mocidade Independente e União da Ilha, e escolas verbais, com Mangueira à frente, seguida pela Império Serrano. Sintetizando: nas escolas visuais, cujos carnavalescos vieram, quase todos, da Escola de Belas Artes e tinham um pé também no teatro (cenografia) a palavra de ordem é a renovação. Tudo pode ser negado, substituído, modificado. O olho comanda, tudo é uma questão de inteligência visual. Com Joaozinho Trinta esta visualidade alcançou seu ponto mais alto ganhando uma dimensão verdadeiramente feérica, puro deslumbramento. Nas escolas verbais, a palavra de ordem, é o respeito ao passado: o que conta é a tradição, o samba no pé. O coração. As escolas visuais desfilam, as verbais dançam.

Quando, em 1983, voltei a escrever novos ensaios sobre o carnaval, essa distinção já era menos nítida, assim como, hoje, Portela e Tradição estão parecidíssimas. Na verdade o visual tomou conta de todas as escolas, inclusive como se viu este ano, da tradicionalíssima Mangueira. As novas polarizações ocorrem, então, dentro do próprio território da visualidade, entre, por exemplo, o refinamento quase

Rococô de um Arlindo Rodrigues, mestre de uma toda geração de carnavalescos, ao lado de Fernando Pamplona, e a estética kitsch de Fernando Pinto, o genial carnavalesco que teve na Mocidade Independente de Padre Miguel seu momento de maior êxito. Arlindo era, com seu extremo bom gosto, a tradição... dentro do visual, enquanto Fernando Pinto era um super-barroco, popular, na excessiva acumulação de elementos visuais e na estridência de suas cores. O kitsch em Fernando Pinto não era, como na Mangueira, naif, mas crítico, alegre, quase debochado.

Mas o carnaval, como a sociedade brasileira, é dinâmico, e a cada ano surgem novas alternativas, com avanços ou recuos em função de um conjunto de variáveis. A morte de Arlindo e Fernando Pinto, a vitória de um carnaval simples e envolvente como o de Vila Isabel, vitoriosa em 1988, as boas performances de uma escola até então considerada menor como a Estácio de Sá criaram a expectativa de que poderiam ocorrer modificações de fundo no carnaval dos anos subsequentes. Mas o impacto de desfile da Beija-Flor no ano passado, com seu bando de miseráveis e matrapilhos foi tão fortemente perturbador que as mudanças foram como que bloqueadas. O certo é que o desfile deste ano foi um tanto morno, não oferecendo inovações significativas. Para mim, que não sou especialista em carnaval, apenas duas escolas tiveram um brilho particular: Salgueiro e Estácio de Sá. E o sucesso de ambas tem a ver com Rosa Magalhães.

A realização desta mostra de Rosa Magalhães, atual carnavalesca do Salgueiro, na Escola de Artes Visuais, tem entre outros mêritos, o de chamar a atenção para este fascinante laboratório de pesquisa que é o carnaval. Seria muito interessante que, vez por outra, os alunos e professores da EAV trocassem as salas de aula pelos barracões das escolas de samba. Afinal, a criatividade em artes plásticas não se restringe às formas tradicionais de pintura e escultura, nem mesmo às manifestações de vanguarda, assim como não está confinada aos salões, museus ou galerias.

Mas atenção eventuais candidatos, a formação de um carnavalesco é difícil e demorada, pede muita garra e paciência. O currículo de Rosa Magalhães é esclarecedor a este respeito. Ela estreou no carnaval em 1971, trabalhando com Joaozinho Trinta na escola onde hoje se encontra, desenhando as alegorias de um desfile memorável, Pega no Ganzê. Vale dizer, ela volta à escola por onde começou seu aprendizado, volta à escola que é raiz de quase todas as principais renovações do

carnaval carioca nas duas últimas décadas o que se enquadram nisto que chamei de "primazia do visual".

Em 1971, Rosa Magalhães apenas terminara sua formação na Escola de Belas Artes e não tinha qualquer experiência com as artes plásticas num contexto operístico e teatral como o carnaval. Matrôculou-se, então, na Escola de Teatro para aprofundar seus conhecimentos de cenografia. Hoje, é professora de cenografia no Fundão e tem feito cenários para teatro e balé. Do Salgueiro, transferiu-se para a Portela, onde ficou dois anos, esteve em seguida no Império (foi campeã em 82 com Baticum bum), na Imperatriz Leopoldinense, e finalmente na Estácio de Sá, cujo carnaval comandou entre 1987 e 1989. Se a Estácio de Sá chegou a sonhar com o primeiro lugar este ano, o mérito cabe, sem dúvida à sensibilidade do seu atual carnavalesco. Mas creio também que foi vital para o êxito da escola o trabalho realizado ali por Rosa Magalhães nos últimos três anos. Foi com ela que a Escola tornou-se de fato uma das grandes do carnaval carioca.

Creio que Rosa Magalhães representa hoje um ponto de confluência das diferentes tendências do carnaval carioca, ou ainda, apresenta o equilíbrio entre as escolas verbais e visuais, entre tradição e renovação, entre refinamento e ousadia, entre a garra e o cálculo. Creio também, que ela não fez tudo o que sabia neste seu primeiro ano do reencontro com o Salgueiro, verdadeira escola de carnavalescos. A atuação anterior de Rosa no Estácio foi marcada por um certo comedimento, por uma economia visual e emocional. Talvez, por isso, e apesar do depoimento do presidente da Escola de que ela entendeu muito bem o espírito da agremiação, o que é, sem dúvida verdadeiro, Rosa Magalhães não ousou tudo o que podia. E devia. Mas estou igualmente convencido de que sua explosão criativa virá em 91. É esperar para ver.

Mas, repito, num carnaval morno como o de 90, o desfile do Salgueiro merece ser elogiado, seja pelo ótimo desenvolvimento do tema (e a lenda de Carlos Magno e seus doze pares esconde, na verdade, uma temática nossa, brasileira, que é a persistência do imaginário medieval no sertão nordestino gerando não só uma cultura popular, mas também erudita, como o provam a obra teatral de Ariano Suassuna, o criador do Movimento Armorial), seja pela beleza e requinte da Comissão de Frente, do Abre Alas e dos carros alegóricos, especialmente aqueles que falam da nobreza e glória do Rei e da eterna luta do Bem e do Mal.

Mas além de todos estes motivos de encantamento no desfile do Salgueiro, um outro ficou retido na minha memória: o modo admirá-

vel como Rosa Magalhães uma das "cores" da escola, o branco. Raramente o branco ganhou tanto ^Eexpressividade e autonomia num desfile. Em certos momentos é como se a passarela se transformasse em campos de algodão, e ondas explodindo em espumas no mar, em ~~núvens~~ encostadas em um céu muito azul. Uma beleza.

Frederico Morais
Rio , abril, 1990